

do seculo XIII; que as duas fórmãs *el* e *o* viveram de par em Portuguez, muitos seculos.

Admittidos os factos da segunda parte das asserções do mestre, porque são rigorosamente exactos, discuta-se a primeira parte das mesmas asserções, o ensinamento de que *lo* abrandou-se em *o*.

Porque esta aphérese? Qual a sua razão de ser?

Nenhuma.

Si o *o* de *lo* fosse uma voz tonica, isto é, uma voz fortemente accentuada, poder-se-ia ter dado o facto: sendo elle, porém, voz atonica, sendo o artigo um verdadeiro proclitico, era de boa razão, era mais, era glotico, era physiologico, que se conservasse, para apoio da voz fraca, a modificação caracteristica *l*.

Foi o que fez sempre o Francez, foi o que fizeram o Hespunhol e o Italiano em certas emergencias.

O caso é que o artigo portuguez não vem de *ille* em fórma nenhuma, mas sim de *hoc, hac*, fórmãs ablativas de *hic*.

Que *hic, hæc, hoc* empregam-se em Latim para distinguir o genero dos nomes não ha que duvidar. Plinio o antigo, seguido por seu sobrinho, Plinio o moço, e pelos grammaticos posteriores, propõe que se reconheça um artigo em *hic, hæc, hoc*.

Na baixa latinidade, encontra-se a cada passo *ille* como fórma articular e pronominal, mas tambem não faltam exemplos de *hic*.

Eis alguns desses exemplos tomados da colleção *Diplomatæ et Chartæ*, de que vem extractos no começo do segundo volume do *Diccionario* de Frei Domingos Vieira:

«*Que spontanea morte corporea de hoc seculo ad alia uita humana transferuntur animas...* (Anno 870)».

Para melhor elucidação veja-se o *seculo* (*seculo* precedido de *o*) em Moraes, artigo *seculo*.

«*Ranemirus presbiter qui HEC notuit manu mea* (Anno 897)».

«*Et qui humus ex nobis ad infringendum uenerit HUNC culmellos divisionis charcat omne sua portione in has villas desuper nominatos* (Anno 950)».

«*Cum demone habeant participium qui HUNC uotum nostrum irrumpere voluerint* (Anno de 983)».

«*Moneo ut nemo presumerent in alia parte transferre uindere uel donare sed in HOC loco predicto seruire...* (Anno 1041)».

«*Has uillas et ecclesias sicut in HANC tesmamento et in alias nostras scripturas sun colligate...* (Anno 1058)».

Encontram-se exemplos de *ille* alternado com *hic* na mesma sentença :

«*Nunc autem ordinamus ut ipsa uilla osgildi habeant ILLA in ipso arcisterio sorores in stipendio illorum in uictum et tolleratione per manu abbatis qui HUNC cenobio ductatum habuerit et reddat ad ILLAS fideliter ILLO fructu per curriculum annos cunctis diebus sceptis alia sua ratione que de HANC monasterio sunt solitas accipere* (Anno 1211)»

A forma *o* articular e pronominal alterna com *lo* nos primeiros documentos escriptos em Portuguez :

«*Venerum a Vila, e filali o porco ante seus filios e cumerum-s'si-lo. Venerum alia uiee er filarum o trigo ante ILLES, er cumerum-s'o. Venerum in alia uive, er filiarum uma ansar ante sa filia, er cumerum-e. A* (Anno 1185 a 1211).

O, a, os, as, fórmãs articulares já inconcussas no Portuguez antigo, escrevem-se por vezes com *h* etymologico em documentos do seculo XII :

«Hos *alcaldes non estem em corral com os VI sinon quando enviaren por ellos.*

«Hos *alcaldes non fagan en uno corral con VI, nin en vernes, nin en sabado, si non fore por barallar sus vozes.*».

(FOROS DE CASTEL RODRIGO, *Liber Secundus*, L. LI, anno 1209).

Ha a notar que parece haver tendencia a usar de *o* (*hoc*) como artigo e de *lo*, *illo* (*ille*) como pronome :

«*Super isto plazo ar ferum suo pleito e a maior ajuda que illos hic conocerum que les acanocese Laurencio Fernandis, sa irdade per preito, que a tevesse o Abade de Santo Martino, que como vencessem outra que assi les desse de ista o Abade, e que nunca illos leixassem d'aquella irdade (Anno 1185 a 1211).*».

«*E' las colonas que forem feytas en una alcazeria si non LA demandaren esses alcaldes de esse anno, hos outros alcaldes que entraren non LAS demanden mays, mas demande o quereloso o seu deryto.*».

(FOROS DE CASTEL RODRIGO, *Liber Secundus*, XXXXVI, Anno 1209).

Nos seculos subséquentes, accentua-se o triumpho definitivo das fórmãs *o*, *a*, *os*, *as*, quer como artigos, quer como pronomes, e as fórmãs vencidas *lo*, *la*, *los*, *las*, desaparecem de uma vez.

Em conclusão : porque recusar uma etymologia de perfeito accordo com o systema romanico, e, o que é mais attestada pela evidencia dos factos ?

III

Aoristo

As grammaticas francezas, seguidas por muitas portuguezas, chamam *perfeito definito* a um tempo verbal que as grammaticas inglezas appellidam *indefinite*, as italianas *indeterminato*, e as gregas *aóristos*.

Burnouff, procurando explicar esta contradição, diz (1): «Le mot *aoriste* vient du grec *aóristos* et signifie *indefini, indéterminé*. Pourquoi donc le même temps s'appelle-t-il en français *défini* et en grec *indéfini*? Le voici : «en français, la denomination de ce temps est tirée de l'emploi qu'on en fait. Or, on ne s'en sert que quand l'époque est fixée par quelque terme accessoire, come *l'an dernier*. En grec, au contraire, sa denomination est tirée de sa nature même. Or, par sa nature, il est indéterminé ; car si vous dites, *je lus ce livre*, on vous demandera, *quand?* et c'est la réponse à cette question qui seule déterminera l'époque. *Je lus* n'offre donc par lui même qu'une idée indéfinie, indéterminée ; la denomination d'*aoriste* est donc parfaitement juste. A la difference du français, le grec emploie souvent cette forme dans les phrases où l'époque n'est marquée par aucun terme».

Porque Diez ensinou que *o* vem de *ille*?

Mas isto é forçar a derivação, e o perspicassismo e honestissimo Diez reconhece-o: Diz elle: (1)

« Este artigo dá ares de ter alguma cousa de particular, quasi anti-romanico ».

Ainda mais: em relação ao nome provençal, Diez reconhece a verdadeira etymologia da fôrma *o*. Para a terceira pessoa, diz o venerando e saudoso mestre (2), faz-se mister assignalar ainda o neutro *o* (Latim *hoc*) de um radical differente, por exemplo « *S'ilh es folha, ja ieu non o serai* ».

Em vista do exposto, relevar-me-á o douto professor de Munich (3) que eu continue a manter nesta edição a etymologia que dei na primeira ao artigo portuguez.

C. pivary, 31 de Dezembro de 1884.

(1) *Obra citada*, logar citado.

(2) *Obra citada*, vol. II, pag. 88.

(3) **Dr. Karl von Reinhardstoettner.**

Em relação ao nome do tempo, Diez é ainda mais positivo: « Os grammaticos francezes chamam-lhe *definito* « porque, segundo a opinião d'elles, esse tempo designa « um momento determinado—*j'ecrivis hier*—É uma expres- « são *mal escolhida*, e que *não convem* ao seu emprego « mais importante como tempo historico. O Italiano diz « pelo inverso *indeterminato*, e o Grego designa um tempo absolutamente semelhante pela palavra aóristos.

O tempo verbal em questão, é o que indica em absoluto a preteritividade do enunciado; eu lhe chamo com os Gregos *aoristo*.

O tempo verbal que indica a reiteração preterita do enunciado, é um tempo acabado, completo: para este reservo eu o nome de *perfeito* (*perfectum*, acabado, completo).

Ha ainda uma razão historica, melhor diria eu—ativa, para dar a tal tempo o nome de *aoristo*. O perfeito latino, de quem elle é filho legitimo, mais deve ser considerado como um artigo aoristo do que como um perfeito.

Diz Bopp ⁽¹⁾: « Assim o perfeito latino, a que por sua « significação ter-se-ia bem o direito de chamar aoristo, « *nada tem de commum com o perfeito grego e sãoskri- « to*. Eu creio poder relacionar todas as fórmas d'elle ao « aoristo sãoskrito, mesmo sem exceptuar as fórmas redo- « bradas como *cucurri*, *momordi*, *cecini*. Temos, com ef- « feito, aoristos como *dcúcúram*, medio *dcúcúré* (raiz *cur* « roubar» e *épephladon*, *épephlon*. *Cucurri*, *momordi*, *ce- « cini* perderam simplesmente o augmento, como tambem « o perderam *scripsi*, *vexi*, *mansi*, e como tambem o per- « deu o imperfeito. E esta ausencia de augmento que lhes « dá o aspecto de perfeitos gregos e sãoskritos».

Isto posto, considerando

(1) *Grammaire Comparée des langues Indo-Européennes*, Traduction de M. Michel Bréal, Paris MDCCCLXXV, vol. 3.º pag. 179.

- 1) que em Sãoskrito e em Grego ha dous tempos *aoristo* e *perfeito*:
- 2) que o *perfeito* latino desempenha as funcções de ambos:
- 3) que o *perfeito* latino é um aoristo e não um verdadeiro perfeito:
- 4) que o tempo portuguez, em questão, é filho legítimo do perfeito latino ou antes, é o mesmo perfeito latino «com pouca corrupção»;
- 5) que a funcção exercida pelo tempo portuguez é essencialmente aoristica:

Concluo que, sem restricções e legitimamente, se pode chamar a esse tempo *aoristo*.

E para corroborar a conclusão tenho ainda duas auctoridade.

1.ª

DIEZ ⁽¹⁾: «Os tempos do passado (românico) compararam-se melhor com os tempos do Grego do que com os do Latim. O imperfeito corresponde ao imperfeito grego; o primeiro perfeito ⁽²⁾ ao aoristo; o segundo perfeito ⁽³⁾ ao perfeito».

2.ª

CAIX DE SAINT AYMOUR ⁽⁴⁾: «En dehors de ce parfait «par redoublement, le latin connait deux autres parfaits «d'une formation tout differente; nous voulons parler des «parfaits en vi ou Benfey a reconnu le premier le parfait FUI du verbe FU (rac. BHU. exister, être), et aussi du «parfait en si qu'il fraudrait nommer AORISTE, né du verbe AS, en latin ES, souffler, respirer exister, être».

Capivary, 1 de Janeiro de 1884.

(1) *Obra citada*, volume citado, pag: 256.

(2) O *defini* das grammaticas francezas.

(3) O *indefini* das sobreditas grammaticas.

IV

Conjugações portuguezas

Quer o douto professor de Munich que haja em Portuguez só tres conjugações

Diz elle que *pôr* é uma contracção de *poer*, e que por isso, é um verbo da segunda conjugação.

Quanto á primeira parte do asserto, nada ha a dizer: *pôr* é de facto uma contracção de *poer*. Quanto á outra, o illustre philologò não tem razão.

Com effeito, que é conjugação, praticamente fallando? É a maneira de flexionar-se um verbo. Haverá, pois, tantas conjugações quantas forem as maneiras mais geraes de se flexionar os verbos. *Pôr* e seus compostos, tendo fórmias exclusivamente suas, constituem conjugação á parte.

E este systema de arvorar em conjugação cada maneira especial de flexionar um grupo de verbos é de tanto alcance pratico, que até Brachet ⁽¹⁾ chega a admittir cinco conjugações em Francez, geminando a chamada segunda das grammaticas usuaes.

A vigorar na pratica a theoria do sabio professor de Munich, haveria nas grammaticas latinas uma só conjugação, a de flexão forte, a terceira cujo thema termina por *u* ou por modificação vocalica; a primeira, a segunda e a

(1) *Nouvelle Grammaire Française*, Paris. 1878, pag. 103.

quarta cujo thema acaba em *a, e, i* desapareceriam, filiando-se todas na referida terceira da qual são contracções.

Amare effectivamente está por *amãere*, *monére* por *monéere*, *vestire* por *vestiere*.

E, havendo em Latim uma só conjugação, tambem em Portuguez, tambem em Francez, uma só haveria.

Sob o ponto de vista scientifico, historico, de facto assim é: tanto em Latim, como em Portuguez, como em Francez, ha uma só conjugação.

As *quatro* conjugações latinas, as *quatro* Portuguezas, as *cinco* francezas de Brachet, são mais praticas do que theoricas, mais do uso do que de sciencia.

Copivary, 2 de Janeiro de 1884.

INDICE

PREFACIO	I
INTRODUÇÃO	1

PRIMEIRA PARTE

Lexeologia	
----------------------	--

LIVRO PRIMEIRO

Elementos materiaes das palavras	3
Secção primeira—Phonetica	3
» segunda—Prosodia	12
» terceira—Orthographia	27

LIVRO SEGUNDO

Elementos morphicos das palavras	60
Secção primeira—Taxeonomia	60
I—Substantivo	62
II—Artigo	65
III—Adjectivo	65
IV—Pronome	70
V—Verbo	72
VI—Adverbio	76
VII—Preposição	77
VIII—Conjunção	78
IX—Interjeição	80
Secção segunda—Kampenomia Ptoseonomia	81
I—Substantivo	88
1.º—Genero	88
2.º—Numero	96
3.º—Grau	102
II—Artigo	107
III—Adjectivo	108
1.º—Genero	108
2.º—Numero	110
3.º—Grau	111
IV—Pronome	114
V—Verbo	115

Tabella 1—Quadro comparativo das terminações dos tempos simples das quatro conjugações regulares

»	2—Conjugação do verbo	H A V E R	115
»	3— » » » *	T E E	115
»	4— » » »	S E R	115
»	5— » » »	E S T A R	115
»	6— » » »	C A N T A R	115
»	7— » » »	V E N D E R	115
»	8— » » »	P A R T I R	115
»	9— » » »	P O R	115
»	10— » » »	S E R V E N D I D O	115
»	11— » » »	H A V E R D E C A N T A R	115
»	12— » » »	Â N D A R C A N T A N D O	115
»	13— » » »	Q U E I X A R - S E	115
»	14— » » »	T R O V E J A R	115

VI—Adverbio 134

Secção terceira—Etymologia 115

I—Substantivo 147

§ 1.º—Substantivos portuguezes derivados de substantivos latinos 147

§ 2.º—Substantivos derivados de palavras da lingua portugueza 150

—Affixo 150

—Prefixo 152

—Suffixos 156

—Substantivos derivados de verbos 161

§ 3.º—Substantivos derivados de linguas estrangeiras 162

—Lista das palavras gregas radicaes mais vulgarmente usadas 163

—Artigo 170

II—Adjectivos 171

§ 1.º—Adjectivos descriptivos 171

§ 2.º—Adjectivos 176

VI—Pronome 178

§ 1.º—Pronomes substantivos 178

§ 2.º—Pronomes adjectivos 179

V—Verbo 180

—Estudo historico das fórmãs do verbo S E R 181

—Estudo historico da conjugação regular portugueza 188

—Formação dos verbos 203

VI—Preposição 204

VII—Conjunção 206

VIII—Adverbio 207

IX—Interjeição 210

PARTE SEGUNDA

LIVRO PRIMEIRO

Syntaxe lexica.	214
<i>Secção primeira</i> —Relação das palavras entre si	214
» <i>segunda</i> —Particularidades do sujeito, do predicado e do objecto	218
I—Sujeito	218
II—Predicado.	219
III—Objectos	220

LIVRO SEGUNDO

Syntaxe Logica	221
<i>Secção primeira</i> —Coordenação.	221
» <i>segunda</i> —Subordinação	223
I—Clausulas substantivos	224
II—Clausulas objectivos	225
III—Clausulas adverbios	225

LIVRO TERCEIRO

Regras de Syntaxe	—
I—Substantivo	227
II—Artigo	228
1.º—Concordancia do artigo	228
2.º—Uso do artigo antes de um só substantivo	228
3.º—Uso do artigo antes de substantivos consecutivos	234
III—Adjectivos.	235
1.º—Concordancia do adjectivo	235
2.º—Posição do adjectivo	239
3.º—Repetição e omissão do adjectivo determinativo antes de um ou mais substantivos.	240
4.º—Adjectivos numeraes	241
5.º—Adjectivos conjunctivos	243
6.º—Adjectivos indefinitos	243
7.º—Formação dos comparativos e dos superlativos	244
8.º—Adjectivos correlativos.	246
I—Pronome	246
1.º—Pronomes substantivos em relação adverbial.	249
2.º—Pronomes substantivos em relação objectiva adverbial	249
3.º—Posição e influencia dos pronomes substantivos em relação subjectiva, objectiva e objectiva adverbial.	250
4.º—Emprego pleonastico de pronomes substantivos	255
5.º—Uso particular de alguns pronomes demonstrativos.	257

	6.º—Pronomes conjunctivos	258
	7.º—Pronomes indefinitos	260
	V—Verbo	260
	1.º—Sujeito	260
	2.º—Predicado	262
	3.º—Objecto	263
	4.º—Significação transitiva e significação in- transitiva	265
	5.º—Voz activa e voz passiva	267
	6.º—Modos	270
	I—Indicativo e subjunctivo	270
	II—Imperativo	275
	III—Condicional	276
	7.º—Fórmulas nominaes do verbo	277
	I—Infinito	277
	II—Participio	279
	8.º—Substituições dos tempos dos verbos uns pelos outros	281
	9.º—Correspondencia dos tempos dos verbos entre si	284
	10.º—Ser e estar	293
	11.º—Verbos impessoaes	297
	12.º—Concordancia do verbo com o sujeito	301
	VI—Negações	305
	VII—Preposição	308
	1.º—A	308
	2.º—Ante	310
	3.º—Após PÓS	310
	4.º—Até, Té	310
	5.º—Com	311
	6.º—Contra	312
	7.º—De	312
	8.º—Desde, Des	315
	9.º—Em	315
	10.º—Entre	316
	11.º—Para	317
	12.º—Por	317
	13.º—Sem	319
	14.º—Sob	119
	15.º—Sobre	319
	16.º—Trás	320
	17.º—Preposições concorrentes	320
	VIII—Conjunção	320
	IX—Adverbio	321
	X—Interjeição	323

LIVRO QUARTO

Additamentos	324
I—Pontuação	323

1.º—Virgula	324
2.º—Ponto e virgula	326
3.º—Dois pontos	326
4.º—Ponto final	327
5.º—Interrogação	327
6.º—Admiração	328
7.º—Reticencia	328
8.º—Parenthesis	328
9.º—Aspas	329
10.º—Hyphen	329
11.º—Travessão	329
II—Emprego de letras maiusculas	330
III—Ordem das palavras e phrases na con- strucção de sentença simples	332
IV—Ordem dos membros e clausulas na con- strucção de sentenças compostas	332
V—Estylo	334
VI—Vicios	337
—Archaismo	337
—Neologismo	337
Hybridismo	337

ANNEXOS

I—Agente indeterminado em romanico	340
II—O artigo portuguez	350
III—Aoristo	355
IV—Conjugações portuguezas	358

Unidade PD-IFCH

Proc. 819/70

N. F.

N. Empenho 3028/70

Agente Pauls Duarte

Preço R\$ 500.000,00

(Biblioteca)

Data Emissão

Data 24/5/77